

Ações coletivas e culturas populares: alguns apontamentos a partir de Edward Palmer Thompson

Collective action and popular culture: some notes from Edward Palmer Thompson

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior*

Resumo: É intenção do presente artigo trabalhar o pensamento social do historiador e militante político Edward Palmer Thompson. Aqui serão discutidas as análises de Thompson sobre as conexões entre as ações coletivas e as culturas populares inglesas do século XVIII. Também serão trabalhadas as polêmicas do autor inglês com seus críticos.

Palavras-Chave: Edward Thompson, pensamento social, ações coletivas e culturas populares.

Abstract: It is intention of the present article to work the social thought of the historian and militant politician Edward Palmer Thompson. Here the analyses of Thompson on the connections between the class actions and the English popular cultures of century XVIII will be argued. Also the controversies of the English author with its critics will be worked.

Key-Words: Edward Thompson, social thought, popular culture and collective actions

Este texto centra-se esforços no pensamento social do historiador britânico Edward Palmer Thompson, destacando as aproximações estabelecidas pelo autor entre ações coletivas, classes e culturas populares.

Para Thompson, o processo de construção das ações coletivas dos trabalhadores ingleses situava-se anteriormente na cultura popular, é disso que considerável parte da produção desse autor se refere. Entre elas, é possível mencionar a clássica trilogia de Edward Thompson, traduzida sob o título de *Formação da Classe Operária Inglesa*¹.

Thompson pretendeu, com essa abrangente pesquisa publicada inicialmente em 1963, articular a organização das primeiras instituições de trabalhadores britânicos com a cultura popular inglesa, rompendo com antigas teses que identificavam a formação das

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: joão.melo@ufv.br

¹ Composta por três volumes intitulados: *A Árvore de Liberdade*, *A Maldição de Adão* e *a Força dos Trabalhadores*, a tradução do título original, *The Making of the English Working Class*, para *A Formação da Classe Operária Inglesa* não conseguiu, como adverte a tradutora do livro, captar a real intenção de Thompson ao propor esse título. Ao utilizar o termo substantivado *The Making*, o autor conscientemente pretendia evidenciar o movimento de autoconstituição das classes operárias inglesas ao longo da história, através, principalmente, da luta de classes.

associações operárias apenas às lutas classistas, como propunha os teóricos do Partido Comunista da Grã Bretanha. A grande inovação de Edward Thompson foi perceber a estruturação da classe operária nas suas múltiplas experiências culturais associadas a elementos de resistência popular. Assim, o autor foi inovador em suas pesquisas ao colocar em evidência os diversos aspectos formadores do operariado inglês do século XVIII, associando, nesse contexto, tradição e valores culturais nascidos da experiência histórica e social.

O surgimento das ações coletivas precede formação da classe operária. Elas se apresentam como o alicerce de composição da classe operária, unificando diferenças e pontos aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência dos atores sociais (THOMPSON, 1987).

O estudo sobre as ações coletivas na perspectiva teórica e analítica em Edward Thompson possibilita a promoção de um diálogo entre seus diferentes elementos constituidores: cultura popular, classe social, literatura e ação política. A articulação desses elementos, presentes, segundo o autor, nas ações coletivas constituem como o objetivo central deste artigo.

Thompson um historiador militante

Edward Palmer Thompson nasceu em Oxford, Inglaterra, em 1924. Seu pai, o pastor Edward John Thompson, sua mãe a missionária Theodosia Thompson, e seu irmão mais velho Frank Thompson, assassinado por fascistas búlgaros durante a Segunda Grande Guerra², foram talvez, as principais influências políticas e sociais do jovem Thompson.

Foi pelas mãos de seu irmão Frank, que com 17 anos, E. P Thompson se filia ao Partido Comunista Britânico, alistando-se em seguida, como voluntário, nas tropas inglesas que lutaram na guerra³. Com o fim do conflito, um duplo sentimento apossa-se de Thompson: de um lado a felicidade pela derrocada do nazi-facismo e a certeza quase incontida, na escalada da esquerda nos países europeus. De outro, a tristeza e a amargura pela morte seu irmão mais velho Frank, capturado e fuzilado em 1944 na Bulgária.

Encerrada guerra, Thompson retoma seus estudos universitários, interrompidos em 1942, graduando-se em História no ano de 1946. A História não foi à opção original do

² Em tom de homenagem ao irmão e ao filho mais velho, Edward e Theodosia Thompson escreveram e publicaram em 1947 uma obra intitulada *“There is a Spirit in Europe. A Memoir of Frank Thompson.”*

³ Não há informações precisas sobre a participação de Thompson na II Guerra. Alguns biógrafos argumentam que o historiador lutou na Itália e na França. Já outros, afirmam que ele combateu na Itália, e no norte da África. Para maiores detalhes ver, entre outros: KAYE, H, *“The British Marxist Historians: an inductive analysis.”* Cambridge: Polity Press, 1984 e PALMER, Brian. *“The Making of E.P. Thompson: Marxism, Humanism and History.”* Toronto: New Hougton Press, 1981.

autor, que queria ser poeta como seus pais. Na tentativa de realizar esse sonho resolve cursar Letras, transferindo posteriormente de opção, influenciado por Frank Thompson, que já cursava História⁴.

Uma vez cursando História, é eleito presidente do Clube dos Estudantes Socialista da Universidade. Nesse período foi bastante influenciado Christopher Hill e Maurice Dobb, com os quais construiu um núcleo de pensamento e estudos, denominado Marxistas Humanistas, além de Thompson e Hill também integravam o grupo: Raymond Williams, Raphael Samuel, John Saville, Eric Hobsbawm, Dorothy Thompson entre outros. A união desse grupo de intelectuais ingleses foi o embrião da Escola Marxista Revisionista ou Escola Neo-Marxista Inglesa⁵.

Os encontros cotidianos com esse grupo de intelectuais britânicos foram decisivos para a opção profissional de Thompson. O convívio desperta a vontade de se tornar um historiador da classe operária e de suas ações coletivas, impregnadas de cultura romântica e resistência popular. Thompson definia-se politicamente nesse momento como um marxista humanista ou um morrissiano-marxista, uma clara alusão/homenagem ao poeta William Morris.

A Formação da Classe Operária Inglesa de 1963 é o exemplo mais notório da influência de Morris na obra de Thompson. A trilogia tenta, e com sucesso, trazer a tona um marxismo revigorado pelo humanismo romântico e literário de William Morris. LÖWY (1999), afirma que o “estilo literário” assumido por Thompson evidenciava a história escrita pela perspectiva dos vencidos, graças à perspectiva romântico-socialista inspirada em Williams Morris. De acordo com a citação:

[...] É graças à sua perspectiva romântico-socialista que seu autor pôde tornar visível o avesso do cenário e reescrever a história da virada do século XVIII a partir da experiência das vítimas do progresso. A formação da classe operária inglesa é também, como Miguel Abensour muito bem no seu prefácio à tradução francesa do livro ‘morrissiano’; isto é, profundamente impregnado pelos modos de percepção formados na leitura de Williams Morris, talvez o mais romântico dos revolucionários socialistas (LÖWY, 1999: 48).

Desde sua concepção original, o escopo da obra era refletir a formação de processos de ação coletiva, associados a elementos da cultura popular e literária como forma de

⁴ Hobsbawm diria que Frank ainda era mais genial, brilhante e favorecido em relação ao irmão mais novo.

⁵ A constituição desse grupo aglutinou-se em torno das críticas ao marxismo estruturalista, particularmente a um de seus principais representantes Louis Althusser (1918-1990). As oposições articulavam-se contrárias noções de falsa consciência e a percepção de classe social como uma entidade estática e presa no tempo.

resistência aos efeitos danosos da revolução industrial nas baixas camadas populares da Inglaterra naquele momento histórico.

O debate sobre ações coletivas na Formação da Classe Operária Inglesa articula-se, segundo Thompson, em torno da noção de classe operária. Tema recorrente nas obras do autor, que observa classe social com algo fluido e de dinâmicas relações, somente entendidas através de seus contextos históricos e sociais. Não existe um padrão teórico estabelecido que consiga dimensionar classe social no seu tipo/modelo mais puro e intocado, tamanha sua volatilidade.

Ao criar tal proposição, Thompson dirigia severas críticas à corrente estruturalista marxista e em particular a Perry Anderson e Ton Nairn, propagadores das teorias althusserianas na Inglaterra. O cerne do debate apoiava-se nas noções de classe e luta de classes. Enquanto os dois primeiros historiadores advogavam classe social como elemento componente indissociável das categorias de infraestrutura e superestrutura. Em outras palavras, concebiam a formação da classe social e de sua consciência como derivação do processo da base produtiva.

Por seu turno, Thompson manifestava claramente suas objeções e oposições a essa visão marcadamente estrutural e estática sobre classe social. De acordo com suas indagações, o conceito de classe social não pode ser apreendido como um simples produto do desenvolvimento estrutural das forças produtivas. Todavia, procura demonstrar que o termo classe social, é dinâmico e guarda em seu interior diferentes interpretações e significados.

Procura analisar a formação da classe operária inglesa situada em um contexto de industrialização, que lhe confere dinâmica histórica que derivam de processo sociais articulados ao longo do tempo⁶. É através dessas múltiplas experiências que se constitui a classe social e suas diferentes formas de ações coletivas. A citação que se segue revela com precisão esse fenômeno histórico:

Thus working men formed a picture of the organization of society, out in their own experience and with the help of their hard-won and the erratic education, which was above all a political picture. They learned to see their own lives as part of a general history of conflict between the loosely defined

⁶ Thompson adverte que a categoria classe social é construída historicamente, portanto deve ser pensada e analisada inserida em um contexto específico. As classes só existem, porque, segundo o autor, as pessoas se comportam de modo classista em diversas situações, podem gerar um amadurecimento no conceito de classe social. O comportamento classista é um dos responsáveis diretos pela formação de instituições e ações coletivas alicerçadas em uma base cultural que, em alguns casos, podem conter semelhanças com outros movimentos sociais. Não obstante, não é possível tentar forçadamente conceber uma teoria que consiga encontrar regularidades em certos estágios de desenvolvimento daquelas categorias sociais, pois, acima de tudo, o fenômeno histórico e social prevalece sobre a teoria (THOMPSON, 2001: 75).

Assim, Thompson procura evidenciar que a formação da classe operária inglesa e de suas ações coletivas acontece com a participação de “gente comum”, para usar um termo caro ao autor. Dessa forma, é inaugurada a história das massas comuns como forma de perceber a formação da classe social. De acordo com o autor, as camadas populares são ativamente participantes, preenchendo as lacunas históricas deixadas pela historiografia marxista tradicional⁷.

As análises estruturalistas sobre a formação de ações coletivas oriundas das classes sociais, partiam de uma simplificação do objeto estudado, dizia Thompson, ao negligenciar propositalmente aspectos da tradição cultural, popular e radical das camadas populares. A radicalidade da “gente comum” era um elemento indispensável para a formação de ações coletivas oriundas daquele momento, o ludismo talvez fosse seu exemplo mais notório e bem sucedido.

É dentro desse perfil, que Thompson procura resgatar a formação de ações coletivas originárias de movimentos sociais e populares da Inglaterra do século XVIII. A adoção da cultura popular seria, segundo o historiador britânico, um dos pontos aglutinadores das ações coletivas e das estratégias de resistência do operariado inglês do XVIII. A utilização de elementos da cultura popular preencheria um vazio sentido na produção acadêmica marxista estruturalista inglesa, que propositalmente desprezava as manifestações culturais das classes baixas.

Aqui mais uma vez, é necessário retomar o debate intelectual entre Edward Thompson e Perry Anderson com as publicações de *“Origins of the Present Crises”* e a contrapartida *“Peculiarities of the English”*. No centro do debate a experiência histórica de formação da classe operária inglesa e o empreendimento das ações coletivas.

Enquanto Anderson definia seu campo de análise historiográfica ancorado em uma análise estrutural, o outro historiador trabalhava a hipótese da ação humana como

⁷ Estaria aqui, um dos pontos do desentendimento teórico entre Edward Thompson e Perry Anderson. O cerne da crise entre os dois historiadores britânicos torna-se mais evidente quando em 1963 Anderson assume a direção do conselho editorial da *New Left Review*, dando um novo direcionamento para revista, privilegiando publicações voltadas para um marxismo estruturalista. Nesse debate, Anderson publicou *Origins of the present crises*, sendo imediatamente respondido por Thompson em *Peculiarities of the English*. Alguns anos depois, este ensaio foi publicado na coletânea *The Poverty of Theory and other Essays*, traduzida no Brasil sob o título *A Miséria da Teoria*. Com a publicação da obra as relações entre Thompson e Perry Anderson tornam-se insustentáveis. A reconciliação entre eles veio algum tempo depois. Cada qual analisava a formação da sociedade inglesa sob uma perspectiva, enquanto Perry Anderson entendia sua formação centrada em uma análise estrutural, Thompson a concebia como um conjunto de possibilidades e transformações dos agentes humanos em sociedade.

transformadora da sociedade. Ambas as análises partem de perspectivas quase antagônicas. A citação não deixa dúvidas:

Nos idos de 1962, quando as atividades da New Left Review estavam um pouco confusas, a direção da Nova Esquerda convidou um hábil colaborador – Perry Anderson para assumir a editoria da revista. Encontramos, como esperávamos, no camarada Anderson a decisão e a coerência intelectual necessárias para assegurar sua continuidade (...) (THOMPSON, 2001:75).

E ainda acrescenta:

(...) Todos os ramais secundários não econômicos e desvios socioculturais da New Left, que estavam, de resto, recebendo cada vez menos tráfego, foram abruptamente desativados. As principais linhas da revista sofreram uma modernização igualmente brusca. As marias-fumaças da Velha Esquerda foram varridas dos trilhos, as paradas marginais (Compromisso, Qual o Futuro do CND?, Mulheres Apaixonadas), foram fechadas, e as linhas, eletrificadas para o tráfego expresso Rive Gauche marxistencialista (...) (THOMPSON, 2001: 76).

Em outro momento:

(...) Em menos de um ano, os fundadores da revista descobriram, para seu pesar, que o conselho editorial vivia em um ramal que, após rigoroso balanço intelectual foi considerado deficitário. Percebendo-nos supérfluos, colocamos nossos cargos a disposição (THOMPSON, 2001: 76).

A discordância intelectual entre os dois pensadores da esquerda inglesa abrigava-se em torno da nova proposta editorial adotada pela New Left Review, que segundo Thompson, articularia em três principais eixos aglutinadores: análises do terceiro mundo, definições da teoria marxista⁸ e análise da história e estrutura sociais britânicas (THOMPSON, 2001:76).

O reflexo mais agudo da disputa intelectual teria assento na formação da classe operária inglesa e na implantação de suas ações coletivas, no centro do palco Perry Anderson e Edward Thompson.

Enquanto o primeiro procurava traçar um paralelo entre a Revolução Inglesa do século XVII e a formação da base infraestrutural da Grã-Bretanha, destacando que não houve mudanças nas superestruturas da sociedade. Em outras palavras, a consolidação de uma aristocracia agrária obliterou a solidificação de uma burguesa industrial e urbana, afetando conseqüentemente a formação de uma classe operária inglesa. O resultado seria

⁸ É interessante mencionar que Thompson considerava as análises marxistas estruturalistas evasivas e soltas teoricamente, por não levarem em consideração as formas de ação humana, como articuladoras e criadoras das teorias históricas e sociais.

uma classe operária subserviente, incapaz de articular-se em busca de uma proposta de transformação social. O que se observava no operariado inglês, segundo Anderson, era uma tendência ao corporativismo (MUNHOZ, 2005).

Por outro lado, Thompson demarca sua posição em contrário. Para ele, o capitalismo inglês teve na aristocracia agrária peça imprescindível para sua articulação e fortalecimento. Desde o começo a burguesia inglesa tornou-se uma classe importante e dominante da Grã-Bretanha, facilitando dessa forma, o auto fazer-se da classe trabalhadora britânica.

Pensando a classe operária inglesa, Thompson colocava que a análise feita por Anderson é simplória e superficial, uma vez que não levava em consideração a tradição radical e a experiência histórica particular de cada grupo de trabalhadores⁹ (MUNHOZ, 2005).

Sem sombra de dúvidas, esse é o principal registro dos trabalhos historiográficos produzido por E.P.Thompson: tentar dar “voz aos vencidos”, como havia proposto Walter Benjamin¹⁰.

Thompson vê nesse processo, momento de transformação do discurso produzido pelas elites e pela historiografia oficial e ortodoxa, que segundo ele, não evidenciavam propositalmente a constituição do proletariado enquanto classe social.

A análise da formação proletária enquanto classe social organizada é um dos pontos nevrálgicos da enorme e diversificada produção de Edward Palmer Thompson, e essa era uma das muitas batalhas que propunha o historiador britânico: mostrar que experiências radicais levariam a formação de consciências de classes distintas.

Essa foi à orientação central de toda produção histórica de Thompson; revelar para a história as camadas pobres e os operários como sujeitos autônomos e dotados de consciência social:

Eu procuro salvar da imensa condescendência da posteridade o pobre rendeiro que trabalhava com a máquina, o tecelão ludista; o tecelão ‘obsoleto’ que ainda trabalha com tear manual, o artesão ‘utopista’, e até o discípulo enganado de Joanna Southcott (THOMPSON, 1987: 31).

É importante mencionar que Thompson procura ao destacar através das aspas os termos ludista, obsoleto, utopista, demonstrar de maneira crítica que as tradicionais

⁹ A radicalidade nas ações coletivas dos trabalhadores ingleses é um importante elemento resgatado pelo autor em suas pesquisas sobre cultura popular. De acordo com Thompson, seria essa a característica marcante na formação das associações operárias e de trabalhadores, como se percebe na seguinte passagem: “Seus fundadores não tinham aceitado a submissão, nem teriam admitido a palavra grata. A tensão entre reinos ‘exterior’ e ‘interior’ implicava uma rejeição dos poderes dos dirigentes, exceto nos pontos em que era inevitável a coexistência: e muitos argumentos hábeis haviam outrora se voltado para o que era e o quê não era ‘legítimo’ para a consciência (...)” (THOMPSON, 1987: 31).

¹⁰ Para maiores detalhes ver: Löwy (2005).

categorizações da historiografia inglesa eram construídas de maneira linear, idealizavam o passado e sua representação histórica se articulava, segundo o autor, de forma acrítica. Isto é, o sentido humano dos acontecimentos históricos é renegado propositalmente por pesquisadores filiados a essa concepção.

Thompson, ao trabalhar suas proposições, busca demonstrar que a proposta marxista tradicional, que ele denomina de conformista, reflete apenas uma pequena parte de um todo. Nesses estudos em especial, realizados preferencialmente por historiadores econômicos, o progresso humano sempre vinha associado ao crescimento econômico. Essa seria segundo sua concepção, uma forma obtusa de enxergar e historiar a realidade social da Inglaterra do século XVIII.

O século XVIII inglês, particularmente a Revolução Industrial, foi objeto privilegiado de estudo do historiador britânico. Thompson concentrava suas atenções em mostrar, e é disso que se trata *A Formação da Classe Operária Inglesa* de 1963, que a Revolução Industrial na Inglaterra teve uma natureza catastrófica para segmentos populares da sociedade britânica. Para o autor, essa foi à condição necessária para o surgimento de reações das camadas populares¹¹.

A transformação de um sistema manufatureiro¹² para industrial serviu como estopim para a constituição e aceleração de um sentimento de classe no operariado inglês. A estruturação classista se daria mediante a organização da luta de classe, para o autor importante instrumento de conscientização e não alienação.

É pela luta de classes que Thompson busca re-pensar e re-fundar o materialismo histórico e dialético de Karl Marx, levando em consideração os estados de consciências sociais e políticas, sejam individuais ou coletivos. Dessa forma, a proposta elaborada pelo autor não levaria em consideração os aspectos conformistas de muitos historiadores econômicos que associavam o progresso humano ao desenvolvimento econômico (LÖWY, 2005).

Thompson, e mais tarde sua mulher Dorothy defendiam que nesse momento os trabalhadores ingleses encontravam-se em processo de constituição de uma nova consciência de classe, que ocorria em paralelo com a estruturação do proletariado britânico (MUNHOZ, 2005). Talvez, seja essa, uma das teses fundamentais e estruturantes levantadas por Edward Thompson.

¹¹ Segundo Löwy (1999) a revolta popular inglesa se fortalece pela nostalgia de um estilo de trabalho e de lazer anteriores à rígida disciplina do industrialismo.

¹² Em os Românticos, obra póstuma, publicada no Brasil em 2002, Thompson, relata que muitos poetas socialistas românticos, decepcionados com os avanços manufatureiros denunciavam em seus escritos o engodo dessa nova forma de produção artesanal.

Munhoz (2005) argumenta que tal concepção teórica defendida pelo autor e por seu grupo, geraria críticas, umas mais contundentes e outras mais reservadas:

*A posição de Hobsbawm foi reservada. Gareth Stedman Jones, ex-discípulo de Thompson, concordou com parte da crítica de Johnson, fez uma revisão do artigo e, possivelmente, contribuiu com algumas sugestões, embora em sua carta ao History Workshop ele deixe claro que discorda de parte dos pressupostos de Johnson. Stedman Jones iniciou suas divergências com o grupo thompsoniano quando publicou *The Language of Chartism* e, posteriormente, *Languages of Class*, onde critica a interpretação de Dorothy Thompson sobre o cartismo. O trabalho de Dorothy defende uma das teses fundamentais da obra de Edward Thompson: que nos idos dos anos 30 do século passado estava em processo a constituição de uma consciência de classe, simultaneamente a formação do próprio proletariado britânico. Stedman Jones afirma que isto não haveria ocorrido, baseando-se na linguagem utilizada pelos artistas, que não indicaria uma consciência de classe. Eram palavras muito mais ligadas ao ideário das elites reformadoras e ao radicalismo do século XVIII (2005: 3).*

Parte dos críticos, entre eles, Johnson¹³, alegava que Thompson possuía um apego demasiado aos aspectos culturais, deixando de lado o debate teórico. Johnson ainda argumentaria que Thompson confunde primariamente estruturalismo com economicismo, por isso mesmo havia impetrado uma crítica desleal e simplista aos postulados teóricos/epistemológicos de Althusser. De fato, alguns historiadores ingleses assumiram e entenderam as posições ontológicas e epistemológicas do filósofo francês, entre eles, mas com distanciamento Eric Hobsbawm.

Em Perry Anderson também encontram-se críticas ao trabalho historiográfico de Edward Thompson, sobretudo sobre seus clássicos: *“The Making of English Working Class e Whigs and Hunters”*. O debate organizava-se no sentido de mostrar a pouca coerência teórica e a ausência de tratamentos mais apurados e históricos no grande corpo empírico e documental das fontes levantados pelo autor. Segundo FLOREZANO (1995), parte das críticas, e algumas delas coerentes, assentavam-se em quatro pilares básico, a saber: I) ausência de setores de vanguarda da Revolução Industrial; II) falha na configuração rentista e comercial de Londres; III) não observância do impacto da Revolução Francesa e Americana; IIII) galvanização do chauvinismo bélico.

¹³ Munhoz (2005), assim descreve teoricamente Johnson: “(...) situa duas tradições no marxismo inglês. Uma fundada na ortodoxia de Dona Torr e Maurice Dobb e a outra, no estruturalismo de Althusser. Reconhece diferenças, mas destaca aproximações entre estas correntes. Propõe-se busca um diálogo entre esses campos. Qualifica Thompson e Genovese de ‘culturalistas’ procurando demonstrar como estes se afastaram da tradição intelectual marxista inglesa originada por Dona Torr e Maurice Dobb (...)”. (2005: 03). Munhoz (2005) ainda acrescenta que Harvey Kaye posiciona-se de modo contrário a Johnson ao colocar Thompson com uma continuação da tradição marxista inglesa.

De outro lado, e em sentido contrário as críticas, é preciso salientar, como já havia mostrado de DECCA (1995), que Thompson procurou criar uma teoria que tornasse o pensamento marxista mais vivo e ativo que pudesse ressurgir e se libertar do campo abstrato. Ele procurou transformar as duras e estáticas categorias analíticas marxistas em atitudes vivas e concretas, realizadas por homens e mulheres de verdade. Aliás, essa era a tradição teórica da escola histórica da qual Thompson é originário.

Os revisionistas, o mais destacado deles foi Edward Thompson, pretendiam afastar da teoria marxista o determinismo econômico, ao propor uma visão mais construtiva e moderna ao materialismo histórico.

Palavras Finais

A experiência humana é o principal componente da produção historiográfica e social thompsoniana, é por ela que se articulam seus principais interesses de campo. As experiências humanas forjadas através da luta de classes são em seu entendimento, o exemplo mais cristalino da vivacidade e dinâmica da história no cotidiano social.

Thompson sempre foi enfático ao afirmar que não são as estruturas sociais que fazem o correr da história, mas sim pessoas reais carregadas de experiências concretas, sociais, profissionais, culturais e outras.

Estas experiências reais e concretas se corporificariam através das narrativas historiográficas desses personagens reais. Para o autor essa seria a receita para desmontar as armadilhas deixadas pela historiografia oficial e ideologicamente comprometida com o poder.

Edward Thompson, polemista e dissidente, na melhor acepção das palavras, buscou, em sua vida acadêmica e de militância, desconstruir a história oficial e dar voz aqueles que foram por ela propositalmente excluídos. Em que pese todas as posições divergentes, seu trabalho ainda exerce fascínio nas ciências sociais e históricas. O constante retomar de seu pensamento, além de necessário, mostra que suas inquebrantáveis posições, sejam na academia, ou fora dela, ainda se apresentam como norte a ser seguido.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. Origins of the present crises. **New Left Review**, London, nº23, jan/fec. 1964.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento. O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o “conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LÖWY, Michael. A corrente romântica nas ciências Sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Willians. **Revista Crítica Marxista**, Campinas, nº 8 p.43-68, junho de 1999.
- MUNHOZ, Sidnei. Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol 2. nº 2, setembro de 1997.
- PALMER, Bryan. **Edward Thompson objeções e oposições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- THOMPSON, Edward. **A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII**. Portugal: Antígona, 2008.
- THOMPSON, Edward. **Temps Discipline Du travail et capitalism industrielle**. Paris: La Frabique, 2004.
- THOMPSON, Edward. **Os Românticos. A Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Edward. **Senhores e caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, Edward. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- THOMPSON, Edward. **Zero Option**. Manchester Road: Bristish Library, 1982.
- THOMPSON, Edward. **Making History. Writtings on History and Culture**. New York: New York Press, 1995.
- THOMPSON, Edward. **The Essential E.P Thompson**. New York: New York Press, 2001.
- THOMPSON, Edward. Socialist Humanism. **The New Reasoner**, London, nº1, p. 105-143, Summer, 1957.

THOMPSON, Edward. **Witness Against the Beast: Willian Blacke and the Moral Law.**

Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WILLIANS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WILLIANS, Raymond. **Tragédia Moderna.** São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

Recebido em *Agosto* de 2009

Aprovado em *Fevereiro* de 2010